

A OFICINA DO DIABO

Gelbart Souza Silva¹

Cansado de passar o dia todo tocando o seu órgão sozinho, o pobrezinho do diabo foi fuçar na sua oficina a fim de lá encontrar algo que lhe dissipasse a ociosidade.

Chegando lá, deitou-se sobre as estantes, descobrindo-as todas, uma a uma, de cima abaixo. De tudo o que tinha, nada lhe agradou. Coçou com as garras o sovaco e a cuca, acariciou o chifre, levou a língua daqui pra li, girou a cabeça para lá e para cá... nada.

Era como se sua oficina tivesse ficado vazia, e nada mais da sua diabólica criatividade pudesse espremer... Mas era nesse estado, sempre, que ele tirava as suas maiores e melhores criações, dizia. Menino virado! Coçou mais aqui e ali, fuçou e, logo desistiu. Fraqueza de um demônio infantil.

Foi de volta para dentro de casa. Ao entrar logo na sala, sentiu vindo da cozinha um cheiro forte de forno violento. Qual receita mamãe preparou?! Lambeu os caninos e foi sátiro saltitante até aquele cômodo odoroso.

Viu as nádegas rubras de sua mãe, polidas como o olho das moiras, balouçarem de um lado para o outro, ao conferir as almas estalejantes dentro da forma. Ficou com mais água na boca com a visão incestuosa de sua mãe do que com o escondidinho de pecador que ela lhe apresentaria na hora do almoço. Seu órgão, de novo queria tocar... Mas uma ideia ainda mais forte lhe veio, dura como a cerviz do povo de Moisés.

A mãe diaba não tinha percebido a presença do guri; ele, por sua vez, saiu novamente, sorrateiro. Voltou à oficina.

Uma ideia infantil se instalou entre ele e o corpo de sua mãe naquela cozinha: se eu atirar alguma coisa nela será que eu consigo pegar antes do objeto atingi-la? Olhou aqui, olhou ali, e viu uma pedra. Toda ela ali, bruta e rochosa. Pegou-a na mão, deu um pulo nela e a agarrou-a na subida. Ainda não estava de toda pronta.

Sentado no chão com os gambitos caprinos um sobre o outro, apanhadas algumas ferramentas, começou a desbastar e lixar a pedra. Quando estava mais ou menos satisfeito com o resultado do trabalho, começou a polir a pedra com cuspe endiabrado e estopa do mercadinho da esquina.

¹ e-mail:gel_bart@hotmail.com.

Quando viu que chegara a um bom fim, saltou e de pronto ficou de pé: fechou um olho e arregalou o outro para melhor fitar a pequena obra de arte. A pedra estava como um espelho, lisa e refletindo imagens de futuros projetos ainda mais diabólicos.

Foi à cozinha.

Sua mãe agora lavava aquele mundo interminável de louça que toda mãe lava, todos os dias.

O belzebuzinho girou o braço: girou, e girou, e girou; girou tanto que parecia um furacão na soleira da porta de entrada para a cozinha. Sua mãe, no entanto, ignorava tudo: estava mais preocupada em não deixar que a água com o detergente levasse ralo abaixo a ínfima esperança de um mundo pior que ainda lhe existia no coração...

Então lançou.

A pedra, lisíssima, cortou facilmente o ar infernal da cozinha. O diabo correu logo em seguida. O objeto voador atingiria em cheio o pé da espinha da diaba, que, tamanha a força do impacto, ficaria no mínimo paraplégica.

Contudo, quando chegavam os centímetros mais ameaçadores, o guri apanhou a pedra no ar. Olhou o objeto fumegante em sua mão. Deu uma risadinha surda, num primeiro momento: sou mesmo rápido! Porém, logo em seguida, um ar sisudo e cheio de raiva lhe cobriu o rosto: preciso achar algo mais veloz ainda.

Voltando para a oficina...

Sentado no chão, buscava com seu cérebro maquiavélico elaborar um novo objeto. Levou os olhos a todos os cantos, até que encontrou uma clave. Pegou-a. Aquela clave era dele uma invenção antiga: feita de pau, tinha uma protuberância em uma das pontas, uma cabeça gordinha, sabe, como ele explicava. Essa ferramenta havia sido útil antes, principalmente, entre outras funções, para um homem bater com bastante, mas bastante mesmo, bastante força e convicção na cabeça de seu irmão. Agora talvez serviria como um bom objeto de arremesso, já que a pegada nele era mais firme que naquela pedra e, ainda, um pouco mais pesado.

Foi para a cozinha.

Viu a mãe, a lavar as panelas, de costas: girou, girou, girou, atirou, correu...

O objeto realmente pegou mais impulso. Porém, o que o diabo não esperava era que ele sofresse um repuxo ao balançar no ar; bem no meio do caminho, o diabo pegou o objeto antes que decidisse pousar.

Estava, na verdade, muito pesada e feia.

De volta à oficina, decidi tornar aquela clave fraticida em uma longa haste, mais leve. Não satisfeito só com isso, e com um espírito de reciclagem, decidi fixar a pedra, agora em formato de triângulo achatado e pontudo, em uma extremidade da haste.

Decidiu, daí então, pôr nome nas coisas, por motivos de *copyright*. A esta invenção, deu o nome de “lança”, por que achava que dessa vez ia conseguir lançar melhor. Como sabemos, algum tempo depois, apareceriam outros objetos similares a esse, com nome de dardo, pilo... Roubaram a minha ideia! E isso aconteceu para as outras coisas que o diabo inventou: roubaram-lhe a ideia e muitas vezes até o nome, só de vez em quando lhe dão crédito dizendo “isso é coisa do diabo”; mas raramente, quando falam isso, é coisa mesmo dele. Na maioria das vezes, na verdade, é coisa do homem mesmo.

Chegou à cozinha. Foi até a parede oposta na copa. De longe a bunda formosa de sua mãe continuava grande e deliciosa. Correu, mantendo na altura da orelha a lança apontada para o meio das costas da diaba. Em certo ponto, começou a inclinar, da sola do pé até os dedos da mão. Estacou, em certo ponto, de modo abrupto, e todo o impulso da inclinação forçou a lança no ar. O diabo deveria correr logo em seguida, mas se desequilibrou e quase bateu a fuça no chão.

A lança estava a um palmo de transpassar a mulher de chifres quando pelo meio o diabo agarrou o objeto com as duas mãos.

Orgulhoso por ter se superado, desgostoso por não ter conseguido o objetivo. E para desgraçar ainda mais sua façanha, uma farpa enorme estava atravessada em sua mão.

Furioso, quando chegou à oficina, atirou com raiva a haste sem ver onde. A madeira arrebitou-se numa harpa que estava ali abandonada. O diabo viu, então, que parte da haste atingiu as cordas e, em contrapartida, as cordas mandaram para frente essa parte. Uma vela vermelha se acendeu entre seus chifres. E se... Pois é, foi à prancheta.

Em resumo, apanhou os frangalhos da lança, e outros feixes de madeira que encontrou, cortou ali, aqui, lixou, pregou, colou; pegou as cordas arrebitadas da harpa, esticou, remendou, e fixou numa extremidade a outra da haste; das outras madeiras apanhou um pedaço e lixou, afiou e, para decorar, arrancou das penas do seu corvo de estimação algumas e colou nesse pedaço.

Vislumbrou o conjunto de duas peças e lhes deu nome, para um, de arco, e para outro, de flecha. Pôde ver em outro tempo vários daqueles objetos voando pelo céu, fazendo um eclipse de dar arrepio em soldados corajosos. Quando desciam, caíam atravessando olhos, vários membros, corações... Pôde ver, ainda, um acerto mais célebre, mas não sabia o porquê de tão célebre, já que acertará apenas o calcanhar...

Mas enfim... estava certo que dessa vez conseguiria. Nem pensou em testar antes.

Voltou à cozinha.

Preparou, apontou... A corda da harpa estava estendida ao seu máximo, e gritava uma música de suspense... Atirou!

A flecha cortou o ar, e a corda da harpa se distendeu, ofegosa... O diabo correu!

A flecha era muito rápida, mas o diabinho era mais ligeiro e pegou-a quase facilmente.

Babando intensamente, e já na oficina, quebrou a flecha com o joelho, e tacou o arco na parede. Começou a bater no peito e gritar ferozmente, rasgando com as garras a roupa de cima do corpo. Sapateava como um miserável.

Chorando, retirou-se ao chão, a bater fortemente o rabo no pó. Respirou fundo, abandonando a maldita birra, típica sua, vermelha como a cor de sua pele. Pensou em voltar às origens: vamos à pedra! Mas dessa vez, faria como se faz ciência: testaria bem, mas bem, antes de efetuar a tentativa. Pegou uma pedra bem redonda, desbastou-lixou-poliu. Agora, deveria pensar em algo que potencializasse o arremesso. Então pensou em usar da sua camisa rasgada para criar um mecanismo para esse fim. Da prancheta saltou uma ideia: duas tiras iguais ligadas por uma “caminha” onde ficaria a pedra. Seria bacana se fosse de couro essa parte, mas onde arrumar couro?! Matou então seu carneirinho negro de estimação, só para arrancar-lhe 20 cm de couro.

Chegou a hora do teste. Colocou a pedra no couro, juntou as pontas das tiras e começou a girar e girar e atirou. A pedra arrebentou a ânfora preferida do seu avô. Ele, ao ver tamanha velocidade e impacto, pulava e batia palma sem parar. Quando foi conferir mais de perto, viu que a pedra tinha feito na parede um buraco. Ao ver isso, chamou a nova arma de “funda” porque com ela conseguiu afundar a pedra na parede.

Contemplando aquele feito, pode ver num futuro passado quase presente um uso dessa ferramenta, dessa vez por um objetivo até que sublime, sabe: viu um jovem pastor de ovelhas derrubar um gigante muitas vezes maior que ele. Cena que ficaria cada vez mais épica...

Mas antes que pudesse ajustar uns últimos detalhes, sua mãe gritou de longe...

Hora do almoço!

Sentado de frente à sua mãe, devorava como um dragão o escondidinho. Seus olhos esbugalhados não se destacavam dos seios perfeitamente redondos e contornados, com mamilos pretoberrantes, de sua mãe. Uma extrema nostalgia lhe invadia a virilha, nostalgia de mamar novamente... Coma devagar, doçura! Os lábios carnudos e roxos de sua mãe lhe renasciam saudades ardentes dos beijos de maldita noite que ela lhe dava, os longos cabelos

negros deitando-se sobre seu corpinho, mesmo que por cima do edredom, a lhe arrepiar até os pelos do... Ai... A vontade de tocar o órgão voltou...

Quando a colher trombou barulhosa com o fundo do prato vazio, largou tudo e correu rumo à oficina. Vai devagar, você vai ter uma congestão! Que nada! A pressa é amiga dos malfeitos.

Mas quando mãe fala, deve-se ouvir. Antes que chegasse à entrada da oficina, gorfou quase meio feto do escondidinho. Feio, grosso e verde, caiu sentado para trás, em cima do próprio rabo, vendo o mundo rodar que nem a ciranda de pedras que forma os anéis de Saturno. Nunca mais corro depois de comer, odeio gorfar! Realmente, o diabo seguiu essa promessa. Ele só foi vomitar outra vez alguns séculos depois, quando, depois de uma janta, voou até a privada e despejou escórias pela boca. Fiscalizando o despejo, viu boiando aquilo que lhe dera dor de barriga: dois pastores da bancada evangélica, um bispo e um redundante padre pedófilo. De resto, pedaços de políticos.

Recuperado já, ajustou o que tinha de ser ajustado e, voltou à cozinha, onde sua recatada mãe, bela e do lar, estava novamente lavando louça.

Girou e girou a funda; atirou. Mas nem mesmo essa nova tecnologia pode bater-lhe na corrida, pois era o diabo correndo um relâmpago mudo cortando o céu negro.

Nem preciso dizer qual foi sua reação, né?

Voltou para a oficina e meteu as nádegas na cadeira e disse a si mesmo que dali só se levantaria quando tivesse a coisa perfeita. Isso durou semanas, ininterruptas semanas em um mesmo projeto. Cada protótipo que falhava era esmigalhado na parede. As folhas da prancheta acabaram, o lápis ficou só no toco, o diabo estava esquelético, olhos fundos, pálido, já rosinha, os dentes amareliços, o rabo mal se mexia mais. Então, na própria madeira da lousa, com as unhas já fracas e quebradiças, desenhou o fatídico objeto. Se uma coisa o diabo era, era determinado!

Era esse objeto o mais complexo de todos. Tinha um novo material, o ferro, e outro, o chumbo. Também, em base, era feito de duas coisas: uma que atirava e outra que era atirada. O seu *design* era estranho, formava um “L”, cuja parte menor era onde se segurava e a parte maior onde ficava o troço a ser atirado. O mecanismo de arremesso era de longe absurdamente complicado: tinha um pó que com impacto produzia uma explosão que lançava um pedaço de chumbo com formato e tamanho da cabeça do seu pau. Saía tão rápido que mal se ouvia o estrondo, já havia na parede, atravessando o retrato do seu pai, um buraco bem redondinho e fundo. A esse pó, que criara para fazer no céu brilhar estrelas efêmeras e falsas, deu o nome de “póvora”, porque era um “pó” que sozinho se “devorava”. É, o diabo não era

bom em dar nome às coisas, nisso lhe faltava criatividade. Mais tarde, os humanos, por terem a língua não fendida, passariam a pronunciar “pólvora”. Já à peça de chumbo, deu o nome de bala. Ao total do objeto que arremessava, deu o nome de pistola. Amou tanto esse troço que fez que deu nome a cada parte sua: agulha, gatilho, coronha... Ao conjunto da obra, deu o nome genérico “arma de fogo”, porque cria que desse modelo primeiro muitos outros poderiam ser feitos, mudando o tamanho, o número de balas... Vislumbrou no brilho do polimento do metal vários sangues escorrendo, mais números do que os grãos de areia da caixinha do seu gato. Só, então, voltou a se alimentar, para repor as forças.

Vocês já devem saber o que vem a seguir: foi à cozinha.

Olhou sua mãe, que já estava no último prato da interminável louça.

Diabo, confiante, fechou um olho e arregalou o outro, pondo em riste a pistola. Mirou, respirou fundo para que a mão que segurava a arma parasse de tremer. Com o indicador, apertou o gatilho. Num estrondo novo e futurístico o chumbo incandescente fugiu do cano da pistola, soltando um peido de fogo pela culatra. O capetinha logo correu, o mais rápido do que nunca. Gastou todas as suas forças em suas pernas. Correu tanto que furou o tecido espaço-temporal e pode ver a sarcástica subida ao poder num ambiente democrático de um assumido feridor dos tais direitos humanos...

Freou!

A mão estava espalmada no ar...

A sua mãe, com toda a sua demoníaca sensualidade, estirada ao chão.

O diabo, enfim, não conseguiu pegar o objeto. Olhou sua mão intacta e limpa. Olhou em volta: a janela da pia estava estilhaçada e o sangue materno, roxo, sujava toda a louça já limpa. A matrona infernal, inerte, tinha um buraco no colo. O diabo ficou atônito. O cano da pistola fumava. Os olhos do diabo se encheram, pouco a pouco, de lágrimas grossas olhando para sua doce mãe morta no chão. O peito palpitava, as pernas tremiam, os chifres suavam.

Caralho santo! Consegui!

E gargalhando e saltitando, saiu da cozinha, todo satisfeito e orgulhoso.

Antes mesmo que o corpo da sua mãe tivesse perdido toda a carne, mastigada pelos vermes tarados, a satisfação que lhe enchia peito e estômago e a honra que o próprio diabo lhe prestara enferrujaram, desfizeram-se em farelo. Um grande vazio ocupou sua mente novamente, como daquelas vezes... A vidraça ficou estilhaçada e só foi feito um buraquinho no corpo dela... e se eu quisesse evaporar, acabar com tudo?

Voltou a deixar a oficina plena de sua presença satânica e criatividade maléfica.

De volta à prancheta...